

## Erva Viva<sup>1</sup>

Vinícios Antonio RANZAN<sup>2</sup>  
Camila Dourani de ARRUDA<sup>3</sup>  
Lydiana Rossetti ORSO<sup>4</sup>  
Isabela SUDATTI<sup>5</sup>  
Ilka GOLDSCHMIDT<sup>6</sup>  
Mariangela TORRESCASANA<sup>7</sup>

Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Chapecó, SC

### RESUMO

O documentário mostra as condições de trabalho no cultivo da erva-mate na região Oeste de Santa Catarina. Como são estabelecidas, historicamente, as relações deste tipo de trabalho e qual a relevância da questão étnica neste processo. Através dos relatos, cortadores de erva do Distrito Marechal Bormann, em Chapecó, revelam que esse ofício é hereditário, uma herança da etnia cabocla, que mantém esse trabalho, sem estudo e na pobreza. Sendo assim, é relevante para a sociedade perceber se há trabalho escravo, olhar para estes atores sociais e entender uma constituição social, construída historicamente.

**PALAVRAS-CHAVE:** erva-mate; cultura cabocla; trabalho;

### 1 INTRODUÇÃO

Notícias de julho de 2011 denunciam a presença de trabalho escravo em algumas ervateiras de Santa Catarina, muitas próximas da região de Chapecó, onde os trabalhadores viviam em condições sub humanas. Nesse sentido, a palavra escravidão se amplia, indo além da liberdade de ir e vir, porque também fere a dignidade e não assegura ao trabalhador seus direitos mínimos. Esta situação torna-se mais instigante na medida em que analisa a forte cultura do chimarrão na região Oeste de Santa Catarina. Isto suscita a indagação de

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria Produção laboratorial em videojornalismo e telejornalismo, modalidade documentário.

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da Unochapecó, email: viniranzan@unochapeco.edu.br.

<sup>3</sup> Aluna integrante do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso Jornalismo da Unochapecó, email: camiaruda@unochapeco.edu.br.

<sup>4</sup> Aluna integrante do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da Unochapecó, email: lydiana@unochapeco.edu.br.

<sup>5</sup> Aluna integrante do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da Unochapecó, email: isabella\_sdt@unochapeco.edu.br.

<sup>6</sup> Orientadora e Professora do Curso de Jornalismo da Unochapecó, email: ilkamg@gmail.com.

<sup>7</sup> Coorientadora e Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Universidade Federal de Santa Maria. Professora do Curso de Jornalismo da Unochapecó. Pesquisadora do Núcleo de Iniciação Científica em Mídia Cidadã, email: mariangela@unochapeco.edu.br.

como o chimarrão é conhecido e, em contrapartida, como as condições de cultivo da erva mate são ignoradas por grande parte da população que desconhecesse este processo.

Trabalhadores saem todos os dias do Distrito de Marechal Bormann, em Chapecó, para ir trabalhar nas ervateiras vizinhas. Para quem reside na região é comum já ter trabalhado com erva mate ou conhecer alguém que o fez. Ser “taifeiro”, como é conhecido o cortador de erva mate, é um ofício na maioria das vezes hereditário, quem nasce de pais taifeiros dificilmente tem, a princípio, outra alternativa de trabalho. Essa é uma herança cultural verificada nessas famílias e que mantém um ciclo de trabalho sustentado nas características históricas dessa classe, à margem de direitos trabalhistas e incapazes de assimilar outra forma de trabalho como possivelmente melhor que o corte de erva.

A falta de estudos é um fator preponderante para a manutenção desse sistema de cooptação dos trabalhadores. Os pais levam os filhos desde cedo para os ervais, abandonando a escola nas séries primárias, o que afirma o destino da lida com a erva. Esses trabalhadores são como um “sub proletariado”, no que se refere a direitos, condições de trabalho e representatividade. Além de ser uma classe que não tem quem os defenda, não possui nem um sindicato. Os relatos de moradores do Bormann demonstram a precariedade do trabalho e os efeitos degradantes para os trabalhadores, são comuns os relatos sobre doenças e danos físicos causados pelo trabalho no corte da erva.

Outro ponto fundamental para compreender o contexto dos taifeiros investigados é uma espécie de inércia. Por mais que haja avanços na legislação e a fiscalização aconteça, não da forma mais eficaz possível, os próprios trabalhadores não são capazes de enxergar a exploração do seu trabalho. Pelo contrário, até gostam da atividade, por ser em área livre alguns tem a possibilidade de fumar e cada um impõe seu próprio ritmo. Essa característica do trabalho, somada à falta de estudos, faz com que não surja, por parte dos taifeiros, um desejo de mudança ou a percepção da realidade e dos fatores e problemas sociais por trás da atividade.

Este tipo de trabalho pode ser considerado análogo ao escravo na medida em que as condições de trabalho são precárias, de acordo com o Ministério do Trabalho de Chapecó. Previsto em legislação desde 2003, o crime de escravidão contemporânea suscita debates e polêmicas. Para o Código Penal Brasileiro, o crime ocorre por "reduzir alguém a condição análoga à de escravo, quer submetendo-o a trabalhos forçados ou a jornada exaustiva, quer sujeitando-o a condições degradantes de trabalho, quer restringindo, por qualquer meio, sua locomoção em razão de dívida contraída com o empregador ou preposto".

Esta problemática torna-se mais relevante na medida em que os relatos dos moradores do Distrito de Marechal Bormann indicam que os cortadores de erva hoje são trabalhadores com pouquíssimo estudo, que vivem em condições de pobreza.

## **2 OBJETIVO**

O objetivo do documentário “Erva Viva” é mostrar as condições de trabalho no corte da erva mate a partir de um recorte regional do tema, além de colocar em discussão as condições do corte da erva e sua analogia com a existência de trabalho escravo contemporâneo e a forma como esta infração é traduzida nos dias atuais, diferente da ideia de alguém acorrentado e açoitado, mas preso, historicamente, por correntes culturais e sociais. A intenção é provocar o debate sobre as relações entre a sociedade de classes hoje e o envolvimento histórico dos caboclos com o corte da erva mate, única atividade que lhes restou com a colonização por parte dos europeus vindos do Rio Grande do Sul.

As diferenças étnicas, a forma como lidar com a terra e com riquezas fez com que os caboclos fossem subordinados aos colonos, realizando tarefas como esta. O documentário apresenta subsídio histórico e empírico, através dos personagens, para promover uma reflexão social deste tema. Mostra quem corta erva mate em uma das regiões que mais se toma chimarrão e como vivem estas pessoas. A proposta é dar voz a estas pessoas e, principalmente, perceber como elas se vêem dentro da sociedade e como compreendem a forma de trabalho na qual estão inseridas.

## **3 JUSTIFICATIVA**

Estamos inseridos em uma região onde a cultura do chimarrão está presente de maneira intensa, porém historicamente a região oeste de Santa Catarina, assim como outras submetidas ao processo de colonização, foi marcada por abusos sociais em prol do “progresso”. Os cortadores de erva, em sua maioria, são pessoas que não conhecem outra realidade e se acostumaram a vida árdua e aos perigos do corte. Essa classe de trabalhadores não possui um sindicato e por décadas foi submetida a condições precárias. De acordo com a Agência de notícia Repórter Brasil, no ano de 2011 em apenas 20 dias, a equipe de fiscalização da Superintendência Regional do Trabalho e Emprego de Santa Catarina (SRTE/SC), acompanhada do Ministério Público do Trabalho (MPT) e da Polícia Federal (PF), encontrou cinco situações de trabalho escravo contemporâneo em propriedades de erva-mate. Foram libertadas, ao todo, 33 pessoas, incluindo quatro

adolescentes com menos de 18 anos de idade. Uma das ações contou com a participação da Justiça do Trabalho. Os escravizados encaravam quadros desumanos como: "alojamento" instalados em paiol, com banho sendo tomado em cubículos com fezes expostas e alimento roído por ratos, além de barracas de lona e colchões colocados diretamente no chão, mesmo com temperaturas a  $-1^{\circ}$  C, sem água potável para beber, depois de já ter dormido em chiqueiro.

Essa situação é um problema social extremo que nos levou a conhecer e como futuros jornalistas expor essa realidade e tornar as condições dos trabalhadores da erva mate uma questão pública que deve ser analisada e pensada por todos nós. Considerando o jornalismo como atividade fundamental na construção democrática da realidade, verificamos a importância de abordar o tema do corte da erva por serem os taifeiros indivíduos cuja representação social, dentro do próprio grupo e pela sociedade, é determinante na continuidade dos problemas enfrentados pela classe.

A partir de Moscovi (2003), que explica as representações sociais como ‘fenômenos específicos que estão relacionados com um modo particular de compreender e de se comunicar – um modo que cria tanto realidade quanto senso comum’, compreendemos que a comunicação, ou a não comunicação sobre o modo como vivem e trabalham os cortadores de erva contribuem para que eles não percebam as características dessa atividade como problema social.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

Para Ramos (2008) o documentário é uma narrativa com imagens-câmera que estabelece asserções sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como asserção sobre o mundo. “Erva Viva” é um documentário que propõe mostrar uma asserção sobre o mundo de quem corta erva mate no Oeste de Santa Catarina. A proposta foi elaborada e discutida no componente curricular de Telejornalismo III da Unochapecó, por isso utilizou os materiais técnicos e ilhas de edição da própria Universidade. Para isso, foi selecionado um grupo de cortadores que moram no Distrito de Marechal Bormann, mas cortam erva em várias plantações da região.

O documentário é conduzido através de um dia no corte da erva, desde a saída dos trabalhadores de casa até o carregamento do que foi cortado durante o dia. A intenção de mostrar o corte através do olhar de quem corta e também de quem já cortou. Segundo Ramos (2008) há sempre uma voz que enuncia o documentário, apresentando asserções. No

“Erva Viva” a narrativa é construída através de depoimentos dos personagens e cenas do corte da erva. Não há a presença de um narrador com sua voz over, muito utilizada em documentários até o final dos anos de 1950.

Quem define as inserções dos depoimentos é o próprio fio condutor, que é o corte da erva. Conforme cada personagem vai contando sua história e o papel que o corte da erva mate ocupa na mesma, pontos em comuns são o gancho para que mais personagens façam parte da narrativa e exponham a sua história e o seu olhar sobre a mesma. A vida sofrida neste trabalho é levantada por todos os personagens, ao mesmo tempo em que quem ainda trabalha no corte afirma gostar da atividade ou não saber fazer outra coisa, quem deixou de cortar garante que sente vontade do trabalho. Com os depoimentos foi possível perceber que por mais que as condições de trabalho no corte de erva mate tenham melhorado, muitas lembranças são comuns, tais como a falta do pagamento mensal e de segurança e que a classe utilizada para este trabalho são as que se assemelham com o sub proletariado.

O documentário não possui uma trilha sonora específica. Seguindo uma linha poética para que a cada inserção da trilha com a imagem o espectador tenha o tempo de reflexão sobre aquilo que acabou de ver e ouvir. Ao final do filme, a música pano de fundo que tem a intenção de fechar a reflexão do que foi apresentado é a música “Dando milhos aos Pombos”, do compositor brasileiro Zé Geraldo. Enquanto a canção fala “Isso tudo acontecendo e eu aqui na praça dando milhos aos pombos”, os caracteres de créditos sobem, finalizando a apresentação do filme e dando margem a reflexão dos telespectadores do que foi apresentado.

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

Uma das características do gênero documentário é a capacidade de produzir uma série de interpretações, conhecimentos e multiplicar os pontos de vista sobre a realidade representada. Difere, portanto, da maioria dos produtos midiáticos dos mass media. A comunicação de massa está geralmente associada a discursos dominantes que contribuem para a inviabilização e a condenação da pluralidade intrínseca a qualquer sociedade que busca garantir liberdade e igualdade aos indivíduos.

Pelas dificuldades em evidenciar os problemas, já que as filmagens precisavam ser agendadas com antecedência e autorizadas pelos donos das ervateiras e acompanhadas pelo capataz, a alternativa foi abordar o tema de forma poética, representando os personagens e

os problemas dessa atividade de forma sutil e subjetiva, em vez de caracterizar o vídeo como um documentário denúncia.

A pré-produção começou com o embasamento teórico sobre a atividade do corte e os contextos em que ela está inserida. Realizamos entrevistas prévias com cortadores e visitamos a região do distrito para conhecer o corte em si e buscar possíveis personagens.

Realizamos a gravação de um dia de trabalho dos taifeiros para ser o fio condutor previsto. Por esta atividade ter relação histórica com os caboclos, entrevistamos a antropóloga Arlene Renk para levantar a discussão étnica, relacionada ao período da colonização. Como se trata de uma atividade que envolve discussões polêmicas acerca dos direitos trabalhistas, de trabalhadores que não possuem representação sindical e levando em conta nosso objetivo de proporcionar a reflexão sobre o assunto, consideramos fundamental a presença da advogada especialista em causas trabalhistas, Maria Aparecida dos Santos.

Os depoimentos do ex-cortador de erva-mate, Carlos Ferreira e da mãe, Júlia Ferreira, também ex-cortadora, evidenciam essa característica cíclica que a atividade mantém, através do contexto étnico, cultural e social apresentado pela antropóloga e pela advogada.

## **6 CONSIDERAÇÕES**

A ideia de produzir o documentário sobre este tema, a princípio, era evidenciar problemas enfrentados pelos trabalhadores do corte da erva mate na região de Chapecó, como não ter os direitos trabalhistas garantidos, serem subtraídos das escolas nos primeiros anos do ensino fundamental ou mesmo as condições precárias em que eram acampados nos ervais.

Contudo, no desenvolver do trabalho, percebemos que o problema vai além desses casos específicos. É um contexto de dominância social construído historicamente sobre os caboclos, que normalmente não tem aptidão para outra atividade e são facilmente cooptados a exercer esta atividade e considerá-la boa, não levando em conta os fatores sociais apontados.

Mesmo que exista outras possibilidades de trabalho para estas pessoas e a legislação e fiscalização tenham avançado nos últimos anos, falta orientação trabalhista. Essa dominância social impede que eles tomem amplo conhecimento de seus direitos e esse

problema é potencializado pela falta de um sindicato que una a categoria e os faça refletir sobre a própria atividade.

À margem do desenvolvimento desde a colonização da região, foram submetidos à exclusão facilitada por suas características culturais com relação à terra. Sem terreno para produzir, nem mesmo para sua subsistência, o caboclo caiu no corte da erva. Ele já realizava o corte para si antes, passou a fazê-lo subordinado ao colonizador. Hoje aos donos das ervateiras.

Devido à estes fatores histórico-culturais, da educação distante, por mais básica que seja, e as condições sociais que mantém os taifeiros na atividade, a perspectiva é de manutenção dessa relação de trabalho, que interessa aos donos das ervateiras, a não ser que haja interferência externa.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**: investigação em psicologia social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Tradução Mônica Saddy Martins. – Campinas, SP: Papyrus, 2005.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?** São Paulo: Senac/SP, 2008.

RENK, Arlene Anélia. **A luta da erva**: um ofício étnico da nação brasileira no oeste catarinense. 2. ed. rev. Chapecó: Argos, 2006.